

A violação das máximas conversacionais e da polidez nas tirinhas de *Calvin e Haroldo*

Alisson Fernando Abreu de Sousa*

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar de que modo ocorrem as violações das máximas conversacionais e da polidez nos diálogos presentes nas tirinhas *Calvin e Haroldo* (1985). Nossa fundamentação teórica se sustenta numa discussão a respeito do princípio da cooperação proposto por H. P. Grice (1967) e manutenção ou não de suas máximas, e na usabilidade das implicaturas nas conversações, assim como na manutenção do princípio de polidez e nas máximas da polidez propostas por Leech (1983). Como metodologia, optamos por realizar um estudo qualitativo exploratório e descritivo de duas tirinhas. A análise das duas tirinhas demonstrou que o personagem Calvin viola as máximas conversacionais, e que essa infração se dá por meio do uso de figuras de linguagem que dificultam a clareza e a objetividade da mensagem comunicada, o que leva o leitor a mobilizar implicaturas para tornar o texto coerente. Calvin também viola o princípio da polidez quando infringe a máxima da modéstia. Dessa forma, constata-se que o efeito proeminente da leitura das tirinhas se dá por meio de uma linha tênue entre o humor e a reflexão, que, sob o viés sociopolítico, comunica de forma camuflada uma crítica às práticas sociais, culturais e políticas.

Palavras-chave: Máximas conversacionais; Polidez Linguística; Tirinha; Princípio da Cooperação.

Abstract: The present research aims to analyze how violations of conversational and politeness maxims occur in the dialogues present in the Calvin and Hobbs's comic strips (1985). Our theoretical foundations are based on a discussion about the Principle of Cooperation proposed by H. P. Grice (1967), the maintenance of their maxims and the usability of the implicatures in the conversations, as well as the maintenance of the principle of politeness, the maxims of politeness proposed by Leech (1983). As a methodology, we chose to perform a qualitative exploratory and descriptive study of two strips. The analysis of the two strips demonstrated that the character Calvin violates the conversational maxims, and this infraction occurs through the use of figures of language that hinder the clarity and objectivity of the communicated message, which leads the reader to mobilize implicatures to reach the coherence. Calvin also violates the principle of politeness when he violates the maxim of modesty. In this way, we can see that the prominent effect of reading the comic strips is through a thin line between humor and reflection, which under a socio-political bias disguises a criticism of social, cultural and political practices.

Keywords: Conversational maxims; Linguistic politeness; Comic strip; Principle of Cooperation.

* Graduando em Letras – Licenciatura em língua portuguesa - pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET). Essa pesquisa foi desenvolvida na componente curricular LET012 - Semântica e Pragmática -, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Geórgia Maria Feitosa e Paiva.

1. Introdução

A grande maioria dos estudos e trabalhos científicos sobre as tirinhas *Calvin e Haroldo*, de Bill Watterson, não raramente, está relacionada a análises de temas que tratam de questões educacionais, sociais e políticas, dadas as personalidades excêntricas dos personagens, que, ao tratarem dessas temáticas, veiculam críticas severas à sociedade, de modo geral. Nosso trabalho, por sua vez, justifica-se pelo fato de que o nosso objeto de estudo, as tirinhas *Calvin e Haroldo*, carecem de análises linguísticas voltadas para o campo da Pragmática, no que tange, principalmente, à sua descrição conversacional.

Dessa forma, sem deixar de lado a existência de que as aventuras dessas personagens têm sempre um toque realista, nossa pesquisa situa-se no campo da Pragmática. Assim, nossa fundamentação teórica está embasada no princípio da cooperação, mais especificamente na violação e manutenção das máximas conversacionais e implicaturas propostas por Grice (1967). Com base nesse referencial, nosso objetivo é analisar como e de que modo ocorrem as violações das máximas conversacionais nos diálogos das tirinhas *Calvin e Haroldo* (1985).

Diante disso, são oportunas pontuações acerca dos conceitos de história em quadrinhos (doravante HQs) e de tirinhas. Para Cirne, Aizen e d'Assunção (2002), a HQ vai além de ser uma junção de texto e imagens com balões, pois é definida, a despeito de suas particularidades, como uma narrativa gráfico-visual, a partir do agenciamento de, no mínimo, duas imagens que se relacionam. Entre as imagens, há um tipo de corte denominado de corte gráfico (o lugar que marca o espaço do impulso narrativo), que é tanto espacial quanto temporal, o que gera elipses pela imaginação do leitor. As tiras ou tirinhas, por sua vez, são histórias em quadrinhos, mas em menor proporção, pois diferem das HQs somente na quantidade de quadrinhos. Assim, enquanto as tirinhas possuem três ou quatro quadros, as histórias em quadrinhos possuem acima de cinco quadros. Convencionalmente, chamaremos de tirinhas ou tiras de quadrinhos as histórias escritas por Bill Watterson.

Concernente à organização do trabalho, seu conteúdo está dividido em 4 tópicos. No segundo tópico, intitulado *Calvin e Haroldo, a tirinha de Bill Watterson*, apresentamos os aspectos históricos das tirinhas, bem como a dupla principal de personagens, Calvin e Haroldo, que, mesmo sendo uma criança e um tigre de pelúcia, respectivamente, vivem grandes aventuras, ao passo que fazem críticas severas à sociedade no que se refere às esferas políticas e educacionais, principalmente.

O *princípio da cooperação*, por seu turno, é o título do terceiro tópico, no qual elucidamos a fundamentação teórica de nosso trabalho, baseada nos pressupostos teóricos do filósofo britânico Paul Grice (1967), principalmente em seu artigo *Lógica e conversação*, bem como revisitamos alguns de seus comentaristas, como Stephen C. Levinson (2007).

O quarto tópico, por sua vez, é dedicado à discussão sobre as máximas da polidez propostas por Leech (1983). O quinto tópico apresenta a nossa metodologia de pesquisa, para, somente no sexto tópico, *Análise das tiras: Calvin e Haroldo e a violação das máximas conversacionais*, apresentarmos os nossos resultados de investigação.

2. *Calvin e Haroldo*, a tirinha de Bill Watterson

Criada em 1985 pelo estadunidense Willian B. Watterson II (mais conhecido como Bill Watterson) e encerrada em 1995, a tirinha de *Calvin and Hobbes* (*Calvin & Hobbes* em Portugal, *Calvin e Haroldo* no Brasil), segundo Silva (2008), obteve fama pelo mundo, haja vista que, sendo publicada diariamente, foi distribuída em 14 países pela *Universal Press Syndicate*. A primeira tira foi lançada no dia 11 de novembro do ano de sua criação.

Seus livros venderam mais de um milhão no primeiro ano, e sua última obra, *Os dez anos de Calvin & Haroldo*, alcançou a lista dos *best-sellers* do *New York Times*. É importante salientar que as histórias nas tiras *Calvin e Haroldo*, de acordo com Ribeiro Júnior (2011), apesar de serem tidas como expressões do próprio pensamento de Bill sobre como vê e analisa a vida e a sociedade, de modo geral, são apresentadas de uma maneira leve e agradável ao seu público.

Sob essa perspectiva, a tira de quadrinho *Calvin e Haroldo* aborda, para além do imaginário infantil de seus personagens, variadas temáticas, trazendo reflexões sobre todas as instâncias da vida que fazem pensar sobre a nossa existência enquanto sociedade: em relação à escola, ao trabalho, às alegrias, às tristezas e, por fim, à morte (RIBEIRO, 2015).

As histórias giram em torno das personagens Calvin e Haroldo. O nome de Calvin foi inspirado no teólogo da idade média João Calvino, pensador importante para a reforma protestante. Com um *ethos* revolucionário, tal qual Calvino, o personagem Calvin se apresenta como um menino de seis anos que possui as preocupações de um adulto, com personalidade hiperativa, e que não gosta de ir à escola, muito menos de resolver as tarefas de casa, pois julga possuir elevada inteligência para essa rotina, mesmo com pouca idade.

O segundo protagonista, representado por um tigre de pelúcia, também foi inspirado na história humana. Dessa vez em Thomas Hobbes, filósofo que, entre outras discussões, se propôs a criticar alguns aspectos ou efeitos sociais da reforma protestante. Deste modo, podemos concluir que a inspiração de Watterson para os nomes dos personagens também balizou as formas com que são discutidos os temas, demonstrando que a verdade sempre tem mais de uma versão.

Ao contrário de Calvino e Hobbes, as personagens Calvin e Haroldo consagram, a cada tirinha, um vínculo de amizade que se manifesta por meio dos diálogos do menino com o tigre de pelúcia sábio e sarcástico. Ressalte-se que Calvin, apesar de sua elevada inteligência, é uma criança travessa e pueril, uma vez que “dedica grande parte de seu tempo para infernizar a vida de seus pais, sua vizinha, sua professora, sua babá, e seu tigre de pelúcia” (SILVA, 2009, p. 4). Esse aspecto paradoxal das tiras é o que as tornam engraçadas e, ao mesmo tempo, reflexivas do ponto de vista social.

Assim, quando encontra em seu jornal uma tira estrelada por um menino de seis anos e um tigre falante, o leitor mais desatento verá entre aqueles quadros, no máximo, anedotas engraçadas com a mera intenção de fazer rir. E elas farão rir. Porém, debaixo do enredo aparentemente singelo e da simples estrutura ‘criança e amigo imaginário’ Calvin & Hobbes [...]

apresenta significações e reflexões complexas [...] (RIBEIRO JÚNIOR, 2011, p. 11).

Nesse sentido, apesar do crescente reconhecimento atual das HQs na sociedade, no contexto escolar e no meio acadêmico principalmente, durante muito tempo, essas foram narrativas discriminadas, pois eram tidas apenas como livretos que afastavam os alunos na busca por leituras de “livros de verdade”, isto é, que fomentassem a criticidade. As HQs, por conseguinte, se restringiam a um tipo de conteúdo cômico, satírico e humorístico, sendo, fundamentalmente, infantilizadas. Atualmente, podemos perceber que as tiras conservam tal conteúdo voltado para o humor, mas que têm uma função de levar os leitores a pensarem sobre a sociedade de forma crítica e criativa. É nessa linha entre o humor e o reflexivo, portanto, que se encontram as aventuras retratadas nas tirinhas *Calvin e Haroldo*, haja vista que retratam o viés sociopolítico por meio da ironia e da crítica.

3. O princípio da cooperação

A fundamentação teórica deste trabalho baseia-se no artigo *Lógica e conversação*, publicado pelo filósofo britânico Paul Grice, no ano de 1967, para dialogar com os estudos filosóficos da linguagem que o antecederam. Esse artigo, que se tornou um marco importante para os estudos pragmáticos, contempla uma argumentação sobre o princípio da cooperação, as máximas conversacionais e as implicaturas.

Nesse sentido, a partir da crítica feita a dois grupos divergentes (os formalistas e os informalistas), Grice (1967) toma como objeto de estudo a conversação, haja vista que propõe um modelo ideal de conversação, pelo qual procura examinar “as condições gerais que, de uma ou outra forma, se aplicam à conversação como tal, independentemente de seu assunto” (GRICE, 1967, p.2). Isto é, preocupa-se com as regras internas e inerentes da conversação.

Dessa forma, Grice (1967) desenvolveu a teoria das implicaturas, um sistema conceitual baseado “no conteúdo do que foi dito e algumas suposições específicas a respeito da natureza cooperativa da interação verbal comum” (LEVINSON, 2007, p. 129). O proponente, dessa forma, postula as máximas conversacionais, quais sejam: a de quantidade, a de qualidade, a de relação e a de modo, que constituem, por sua vez, o Princípio da Cooperação.

Para o filósofo, os diálogos não são constituídos a partir de uma sucessão de observações desconexas, mas de “esforços cooperativos”, regidos por certas regras conversacionais, nas quais os participantes, dentro da interação verbal, devem reconhecer um propósito comum ou um conjunto de propósitos, que podem ser fixados na proposição inicial (início da conversação), ou que podem evoluir durante o diálogo.

Outrossim, de acordo com J. L. Austin (1990), em uma conversação, as pessoas devem se adequar a um procedimento conversacional aceito, para que se alcancem as condições de felicidade/sucesso da conversação. Não obstante, para Grice (1967), os participantes da conversação devem estar cientes das regras da interação e de seus papéis (condições da conversação), a fim de contribuírem para a conversação no momento certo,

pois, em um diálogo, existem regras conversacionais que devem ser seguidas, isto é, há um princípio de cooperação que rege essas regras. Nas palavras do autor, acerca desse princípio, lemos:

Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado (GRICE, 1967, p. 4).

Assim, ao considerar que, em uma conversação, os sujeitos aceitaram o contrato de cooperação, seus turnos de fala serão necessariamente balizados por regras secundárias, não menos importantes, nomeadas pelo autor como máximas conversacionais da quantidade, de qualidade, de relação e de modo.

Segundo Grice (1967), a categoria da quantidade está relacionada com o quantitativo de informação a ser fornecido, e a ele correspondem duas submáximas, a saber: a primeira implica que a contribuição de um falante, em uma conversação, seja tão informativa quanto foi requerida (isto é, a informação fornecida deve ser tão informativa quanto o necessário); a outra prediz que o falante não deve fazer com que a sua contribuição seja mais ou menos informativa do que é requerido. Deste modo, se um sujeito pergunta que horas são, por exemplo, espera-se que seu interlocutor lhe responda a hora exata.

A segunda máxima, a da qualidade, pressupõe que as contribuições dos interlocutores devem ser verdadeiras, e compreende duas submáximas: que a informação fornecida não seja falsa, e que não se constate ou afirme-se fatos que careçam de evidências adequadas. Considerando o exemplo anterior, poder-se-ia configurar como uma violação desta máxima o fato de o interlocutor responder uma hora diferente da que o relógio marca. Para a manutenção desta máxima, por fim, é preciso que os sujeitos construam a conversação com base na honestidade.

A máxima da relevância, por sua vez, observa que a informação fornecida pelos falantes deve ser relevante, coerente e pertinente ao assunto em questão. Ainda, conforme o exemplo precedente, pode-se dizer que haveria uma violação desta máxima se o interlocutor respondesse, ao invés da hora exata, ou mesmo outra hora, algo destoante do que lhe foi requerido, como, por exemplo, responder com o trecho de uma canção.

Por fim, depreende-se da máxima de modo que o dito precisa ser claro - devendo evitar-se a obscuridade, a ambiguidade -, breve e ordenado para evitar prolixidade desnecessária. Observamos que a máxima do modo e a máxima da relevância atuam de modo similar, uma vez que esta prioriza uma relação estreita com o tópico conversacional, e aquela, além da coerência, requer coesão e organização textual.

Sabendo que as máximas somente não dão conta da complexidade da conversação, Grice (1967) alerta que, por alguma razão, o sujeito, na interação, pode não querer atender às máximas. A esse respeito, Leech (1983) comenta que os sujeitos muitas vezes preferem ser polidos a claros e objetivos, violando, assim, as máximas para a adesão ao princípio da polidez.

Em resumo, essas máximas especificam o que os participantes têm de fazer para conversar de maneira maximamente eficiente, racional, cooperativa: eles devem falar com sinceridade, de modo relevante e claro e, ao mesmo tempo, fornecer informações suficientes (LEVINSON, 2007, p. 127).

É importante pontuar que Grice (1967), ao propor um modelo ideal de conversação pelo qual os falantes interagem em um diálogo, afirma que estes se utilizam das máximas para usarem a linguagem em uma conversa. Isso não significa, todavia, que os interlocutores seguem essas máximas *ad hoc*, mas sim que, sempre que possível, as pessoas interpretarão o que dizemos como estando em conformidade com as máximas em algum nível (LEVINSON, 2007).

Assim, conforme Grice (1967), um participante de um diálogo pode deixar de cumprir (infringir, desacatar) uma das máximas de várias maneiras. Ademais, quando as máximas não são cumpridas, os interlocutores mobilizam cálculos mentais para compreender e participar, efetivamente, da conversação, exigindo um esforço cognitivo sistemático para depreender o seu contexto situacional e o que não está dito explicitamente.

É imprescindível salientar que o uso da ironia, da metáfora e de outras figuras de linguagem em uma conversação, por exemplo, constitui um desacato ao princípio de cooperação, uma vez que são elementos (extra)linguísticos que englobam sons, pensamentos, palavras e que tornam mais expressivas as mensagens. Por conseguinte, esses elementos fazem com que o ouvinte/leitor encontre dificuldades ao depreender/interpretar, de maneira coerente, o que foi dito por seu interlocutor. Ressaltamos que “se o ouvinte, ou leitor, falha em relacionar o dito e o implícito, automaticamente inicia uma série de cálculos mentais a fim de buscar uma interpretação para tal enunciado” (OLIVEIRA, 2007, p. 1602).

[...] ao infringir abertamente uma máxima, o falante pode obrigar o ouvinte a fazer inferências extensas até chegar a algum conjunto de proposições, de modo que se for possível supor que o falante está comunicando estas proposições, então, pelo menos, o princípio cooperativo mais amplo será preservado (LEVINSON, 2007, p. 135).

Isso ocorre porque há distinções entre o que está dito e o que está implicado. No primeiro, o significado das palavras é convencional, isto é, está expresso em termos literais, em indícios lexicais ou como proposição em seu valor semântico, em um diálogo, denominado de implicatura convencional. O segundo, chamado de implicatura conversacional, está “essencialmente conectado com traços do discurso” (GRICE, 1967, p. 3), ou seja, o significado daquilo que é enunciado, na conversa, é derivado do contexto e da situação da conversação.

4. O princípio da polidez

O princípio da polidez surgiu como uma teoria que pretendia responder à seguinte questão: por que muitas pessoas preferem ser polidas a comunicativas? Para tal propósito, essa teoria foi desenvolvida e ampliada por muitos autores, mas, em resposta ao modelo

proposto por Grice, foi Leech (1983) quem sugeriu que os falantes organizariam seus discursos com base num viés empático em relação aos seus ouvintes.

Em um capítulo do livro *Principles of Pragmatics* (sem tradução para o português), Leech (1983) afirma que os falantes sempre privilegiam o outro na interação dentro de uma escala de custo e benefício, em que esse outro pode ser o interlocutor imediato ou que o autor chamou de zona de influência. Deste modo, de acordo com o proponente, o sujeito atenderia a máximas que vislumbrariam a instauração e manutenção da harmonia na interação, quais sejam:

I) *Máxima do discernimento*: a) minimize o custo ao outro; b) maximize o benefício ao outro.

II) *Máxima da generosidade*: a) minimize o benefício para si próprio; b) maximize o custo para si próprio.

III) *Máxima de aprovação*: a) minimize a depreciação do outro; b) maximize o enaltecimento do outro.

IV) *Máxima da modéstia*: a) minimize o enaltecimento de si mesmo; b) maximize o enaltecimento do outro.

V) *Máxima de concordância*: a) maximize a concordância entre si e outro; b) minimize a discordância entre si e o outro.

VI) *Máxima da simpatia*: a) minimize a antipatia entre si e outro; b) maximize a simpatia entre si e outro (LEECH, 1983, p.132).

Sobre essas máximas, deve-se ressaltar que o falante que decide operar sob o princípio da cooperação pode, por um lado, estar violando o princípio da polidez, cabendo a ele decidir, o que é mais importante para a sua interação: ser polido ou se fazer claro comunicativamente.

Dessa forma, tomando as tirinhas *Calvin e Haroldo* como objeto de análise, surgem alguns questionamentos suscetíveis de atenção: o personagem Calvin, nas tirinhas, é o que mais viola as máximas conversacionais e da polidez? Quais as máximas são mais violadas: da quantidade, da qualidade, da relevância ou de modo? Essa violação, em algum nível, é proposital e gera efeitos de sentidos outros? Pontuamos que todos esses questionamentos, para serem respondidos, requerem um *corpus* maior, em termos quantitativos, e uma análise mais aprofundada, em termos qualitativos. Para nossas pretensões iniciais, analisaremos, *a priori*, apenas duas tirinhas, mas que podem servir de base para trabalhos *a posteriori*.

5. Metodologia

Para a realização desta investigação, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa, tendo em vista a possibilidade de examinar com profundidade os aspectos linguísticos que evidenciam a manutenção ou a violação das máximas conversacionais. Deste modo, selecionamos duas tirinhas de *Calvin e Haroldo* para a análise.

A seleção das tiras considerou os temas religião e escola, por figurarem como aqueles mais recorrentes na criação de Watterson. Destacamos ainda que as tirinhas foram coletadas em sites, em *blogs* e nas páginas relacionadas ao autor estadunidense.

Para a realização da análise, apoiamo-nos no método exploratório e descritivo, o qual permite que a investigação não somente identifique o fenômeno, como também leve em consideração a observância de seus padrões, e esclareça a sua manifestação a partir de uma compreensão mais densa.

6. Análise das tiras: *Calvin e Haroldo* e a violação das máximas conversacionais

Entendemos que a conversação é, grosso modo, um tipo conhecido e predominante de fala em que dois ou mais participantes se alternam livremente em turnos, sendo que esses falantes reconhecem seus papéis no diálogo e fazem suas contribuições no momento em que são requeridas.

Para Austin (1990), as ações praticadas via enunciados são, de modo geral, chamadas de atos de fala ou, mais especificamente, de pedido, de cumprimento, de desculpa, de convite, de promessa, de resposta etc. Esses diferentes tipos de atos de fala estão relacionados à intenção comunicativa do falante quando produz seu enunciado, pois o “falante espera que sua intenção comunicativa seja reconhecida por seu ouvinte” (OLIVEIRA, 2007, p. 1604). Dessa forma, Bill Watterson espera que o leitor possa entender a mensagem proposta pela tira.

Diante de tais constatações prévias, na sequência, analisamos as tiras.

Figura 1 - Imagem e semelhança de Deus



Fonte: Sopa Cósmica (2005).

Na Figura 1, vemos que Calvin, ao olhar para o espelho e visualizar o reflexo de sua própria imagem em uma postura com expressão de superioridade, afirma que “é feito à imagem e semelhança de Deus”. Sob esse prisma, a personagem não só faz uma alusão ao livro do Genesis, em que, no último dia da criação, Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança” (BIBLÍA, Genesis, 1, 26), como também, metaforicamente, caracteriza a si próprio como um ser que, sendo constituído de um corpo e de alma/espírito, é superior em relação aos outros seres vivos, principalmente no que concerne ao intelecto.

Assim, Calvin toma seus ditos como algo que poderia ser verdade, bem como relevante, sendo a informação fornecida coerente e pertinente ao assunto em questão. Dessa forma, nesse diálogo, a criança, ao exaltar a si mesma e minimizar o enaltecimento em relação a Haroldo, infringe a máxima da modéstia proposta por Leech (1983), haja vista que assume que é perfeito como Deus. Não obstante, ao comparar-se com um ser superior de modo metafórico, Calvin não explicita sua intenção em sua fala, o que contravém a máxima de modo, em que a informação deve ser clara, objetiva, sem ambiguidades e sem obscuridade.

Diante do dito de Calvin, Haroldo o responde de modo irônico, ao dizer que o humor de Deus provavelmente é simplório. O urso de pelúcia usa essa figura de linguagem, porque seu amigo afirma que transcende os outros seres. Calvin, por sua personalidade excêntrica, demonstra não entender o significado moral de suas palavras, pois é um preceito cristão preservar a humildade e a simplicidade, desvelando, assim, o fato de que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus.

Dessa forma, nessa conversação, percebe-se também a violação da máxima de modo, pois, quando Haroldo usa da ironia, provocando o humor da tira, faz com que sua mensagem não seja clara e concisa, uma vez que, para compreender a sua intenção de fala, o leitor deve mobilizar conhecimentos outros para além do que está dito, como o fato de interpretá-la coerentemente, que só é possível dentro de um contexto situacional e discursivo (entender que Bill Watterson trata de questões religiosas com humor reflexivo nas tiras, que Calvin se considera superior intelectualmente e que, no livro da criação, Deus fez o homem à sua imagem e semelhança para que este tenha comportamentos éticos com base na moral cristã).

Assim, essa infração à máxima de modo caracteriza esse diálogo como uma implicatura conversacional, pois sua compreensão está ligada aos conhecimentos de mundo compartilhados pelos interlocutores do evento comunicativo.

Conforme Grice (1967), a observância de algumas dessas máximas é menos imperativa do que o é a observância de outras, pois uma pessoa que se expressou com prolixidade indevida estaria, em geral, sujeita a comentários mais brandos do que aquela que disse alguma coisa que acredita ser falsa. Ademais, o comentário de Haroldo subverte, de modo menos agressivo, a confiança de Calvin.

Figura 2 - A influência da mídia televisiva



Fonte: Mídia e Educação (2012).

A televisão, de acordo com Charaudeau (2010), é um dos dispositivos que abriga o discurso das mídias, que, nos termos desse autor, é uma instância de produção que visa informar e que manipula a instância receptora, constituída pela população. A manipulação nas mídias, nesse sentido, acontece quando a instância produtora tenciona fazer crer a sua ideia (não necessariamente verdadeira) em relação à outra instância para fazê-la pensar ou agir, sem perceber, de uma forma que traga proveito àquela, pois toda manipulação está acompanhada de uma enganação cuja vítima é o manipulado.

Outrossim, é sabido (e quase convencional) que toda criança gosta de assistir televisão, principalmente desenhos animados, e Calvin, apesar de ser um grande fã de televisão, na Figura 2, critica o poder e a forma das grandes mídias manipularem e alienarem as massas, ao falar com um aparelho televisor, e caracterizá-lo como o “poderoso da mídia de massa”, que representa a manipulação da população de modo geral, ao mesmo tempo que se utiliza de expressões metafóricas.

Nesse sentido, a expressão “eivar a emoção” está relacionada ao fato de que as emissoras de TV visam mostrar, através de programas divertidos, de novelas, de filmes, de propagandas etc., um tipo de ideologia, isto é, uma ideia da classe dominante que domina todas as outras, que tem o poder de “reduzir o pensamento. E aniquilar a imaginação!”, haja vista que incute, na população, uma consciência, uma cultura e uma forma de agir e de pensar (cf. ROSÁRIO; BAYER, 2014), que a coloca em uma posição de assujeitamento comercial.

É importante destacar que o agradecimento de Calvin, na segunda figura, pode implicar em dois significados: um literal e um não literal. No que diz respeito ao sentido literal, significa que Calvin realmente agradece pelos efeitos negativos da Televisão. Já o significado não literal evoca a figura de linguagem irônica, que, na expressão “obrigado pela artificialidade das soluções rápidas e pela manipulação traiçoeira”, constitui um ato indireto de fala (SEARLE, 1995), o qual tem um conteúdo proposicional diferente daquilo que foi dito, o que, para além de violar a máxima de modo, gera o efeito de criticidade da mensagem.

Dessa forma, Calvin ainda desacata a máxima do modo ao utilizar-se fundamentalmente de expressão irônica para caracterizar o aparelho de televisão, comparando-o com um ser todo-poderoso que tem como poder manipular as massas, e por comparar seu cérebro com a tigela de tapioca, que será comida, destruída e engolida, mas que deve ser iluminada para sempre, como se a televisão fosse uma luz necessária para iluminar um caminho, por exemplo.

Expressões desse gênero, por conseguinte, não estão claras e apresentam ambiguidades, por isso, podem implicar uma falha do leitor no momento de relacionar o que está dito e o que está implícito, isto é, para compreender/interpretar, coerentemente, a mensagem dessa tirinha, é necessário mobilizar de cálculos mentais, bem como levar em consideração a personalidade do personagem da tira, haja vista que Calvin não é qualquer criança de seis anos, pois apresenta uma visão única do mundo e uma fuga à cruel realidade

das situações insólitas que se estabelecem, fato que indica que essa tirinha é um exemplo de implicatura conversacional.

7. Considerações finais

Esta pesquisa surgiu com o interesse em analisar como e de que modo ocorrem as violações das máximas conversacionais nos diálogos das tirinhas *Calvin e Haroldo* (1985), pois há uma carência de estudos voltados para essa temática.

Conforme vimos, para atender o princípio da cooperação, os falantes devem produzir seus discursos com base em quatro máximas propostas por Grice (1967), a de quantidade, a de qualidade, a de relevância e a de modo, a fim de contribuir para a conversação no momento certo, tal como for requerido, para assim chegar à condição de felicidade/sucesso, nos termos de J. Austin (1990).

Vimos que, em relação à transgressão das máximas, Grice (1967) traz o conceito de implicaturas, que podem ser convencionais, cujo significado é expresso em termos literais, em indícios lexicais, ou como proposição em seu valor semântico; e conversacionais, que têm o seu significado derivado a partir do contexto e da situação da conversação, sendo necessária uma mobilização de cálculos mentais para que o leitor/falante entenda o que está sendo dito.

Elucidamos também que as tirinhas de Bill Watterson foram publicadas durante dez anos, de 1985 a 1995, e que sua interpretação dá vazão tanto à imaginação do leitor quanto à exploração do pesquisador. Dessa forma, analisamos duas tirinhas, pelas quais percebemos a violação das máximas conversacionais e da polidez. Na primeira tirinha, há a violação da máxima de modéstia, pois Calvin, ao assumir que é perfeito como Deus, exalta a si mesmo e minimiza a importância de seu interlocutor, Haroldo, que, por sua vez, responde ironicamente, violando a máxima do modo.

Na segunda tirinha, observamos que Calvin infringe a máxima de modo, implicando que a informação, que deveria ser clara, objetiva, sem ambiguidades e sem obscuridade, apareça sob a forma de ironia, pois Calvin, sendo uma criança extremamente crítica, se vale da figura de linguagem para expressar sua opinião. Assim, ao agradecer a televisão, na verdade, ele a está insultando, culpando-a pelos problemas sociais e psicológicos que causa a ele próprio e à sua audiência.

Diante das análises, observamos que as violações das máximas, sejam elas conversacionais ou da polidez, entrelaçam-se em um mesmo turno conversacional, o que provoca efeitos desejáveis para esse gênero do discurso. Os exemplares demonstraram que a ironia é um dos efeitos/recursos do autor, e que a sua manipulação foi realizada de modo complexo, mobilizando a violação de várias máximas conversacionais ao mesmo tempo. Nesse sentido, a ironia de Haroldo, na Figura 1, pode ser considerada como uma inobservância não somente ao modo, mas também à relevância, numa perspectiva conversacional, pois, considerando que Haroldo estivesse em acordo com a polidez, sua resposta relevante seria a concordância com Calvin, mas ele não o fez. No segundo exemplo, Calvin, ao fornecer inúmeras razões para o seu falso agradecimento, viola a

máxima da quantidade, haja vista que é extremamente prolixo, e quando enuncia algo que acredita ser falso, ele infringe a qualidade do que diz; ainda, ao agradecer, ele está sendo polido, pois dá ao interlocutor (no caso a televisão) uma importância maior do que dá a si mesmo.

Esta pesquisa aponta, entre outras coisas, para a necessidade de compreender os princípios da cooperação e da polidez de modo complementar. Nesse sentido, nossa investigação, com sua temática, sua justificativa, seus objetivos, e sua análise, abre possibilidades de realização de outras pesquisas. Ainda no campo da Pragmática, por exemplo, podem-se pesquisar quais efeitos de sentido são gerados a partir das infrações às máximas nas tirinhas de *Calvin e Haroldo*. No campo da Retórica ou Nova Retórica, por sua vez, pode-se analisar se as violações às máximas nas tirinhas têm alguma relação com as estratégias argumentativas, haja vista que há sempre um “fazer crer” e uma tentativa de modificar o pensamento de outrem por detrás desses gêneros textuais.

Referências

- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho e Lia Fonseca Seixas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BÍBLIA. *Gênesis 1, 26: a humanidade, ponto alto da criação*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balanclín. São Paulo: Editora Paulus, 2011.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela S. M. Corrêa. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CIRNE, M.; AIZEN, N.; d'ASSUNÇÃO, O. *Literatura em quadrinhos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.
- GRICE, H. P. *Lógica e conversação*. In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos metodológicos da lingüística*. vol. IV. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 1967. Disponível em: <https://bit.ly/2C6EzHI>. Acesso em: 3 maio 2018.
- LEECH, G.M. *Principles of Pragmatics*. London: Longman, 1983.
- LEVINSON, S.C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MÍDIA E EDUCAÇÃO. *Calvin “versão apocalíptica”*. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2VJnx9G>. Acesso em: 23 maio 2018.
- OLIVEIRA, M. L. S. *O humor em Mafalda e a violação das máximas conversacionais*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4, 2007, Tubarão, SC. *Anais...* Santa Catarina: Unisul, 2007. p. 1600-1606. Disponível em: <https://bit.ly/2zUVUC9>. Acesso em: 15 maio 2018.
- RIBEIRO, L. A. *30 anos de Calvin e Haroldo: a tirinha mais incrível de Bill Watterson*. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2QpnMZo>. Acesso em: 09 mai. 2018.
- RIBEIRO JÚNIOR, J. C. *Calvin e Hobbes contra o mundo: reflexões sobre a obra de Bill Watterson*. 2011. 146 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação (FAC), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, 2011.
- ROSÁRIO, R.; BAYER, D. A. *A formação de uma sociedade do medo através da influência da mídia*. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2QpnMZo>. Acesso em: 21 maio 2018.
- SEARLE, J. R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos da fala*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1995.
- SILVA, D. L. B. *Calvin e Haroldo: relações possíveis com Calvino e Hobbes*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, 2009, Curitiba, PR. *Anais*. Curitiba: UCS, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2XKWnRD>. Acesso em: 9 maio. 2018.
- SOPA CÓSMICA. *Genial Calvin and Hobbes*. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2SVZ6E4>. Acesso em: 16 maio 2018.

WATTERSON, B (1985). *Calvin & Hobbes*. Tradução de Helena Gubernatis. Lisboa: Gradiva, 2004.

